

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS - DFCS

DIOCELIO DO NASCIMENTO

**O ENSINO DE FILOSOFIA NO NÍVEL MÉDIO: AFINAL QUAL É O LUGAR DA
FILOSOFIA NA VIDA DOS ESTUDANTES?**

Campina Grande - PB
2014

DIOCELIO DO NASCIMENTO

O ENSINO DE FILOSOFIA NO NÍVEL MÉDIO: AFINAL QUAL É O LUGAR DA FILOSOFIA NAVIDA DOS ESTUDANTES?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento a exigência para obtenção do grau de Graduado em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho.

Campina Grande - PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N244e Nascimento, Diocélio do
O ensino de filosofia no nível médio [manuscrito] : afinal qual o lugar da filosofia na vida dos estudantes? / Diocelio do Nascimento. - 2014.
21 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Dr. José Arlindo de Aguiar Filho, Departamento de Filosofia".

1. Filosofia 2. Ensino de Filosofia 3. Educação 4. Ensino Médio 5. Processo Ensino-Aprendizagem I. Título.

21. ed. CDD 100

DIOCÉLIO DO NASCIMENTO

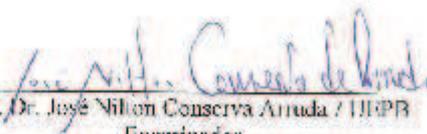
**O ensino de filosofia no nível médio: afinal, qual é o lugar da
filosofia na vida dos estudantes?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Filosofia da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Licenciado em Filosofia.

Aprovado em 29/10/2014.



Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB
Orientador



Prof. Dr. José Nilson Conserva Arruda / UEPB
Examinador



Prof. Msc. Francisco Dimiz de Andrade Meira / UEPB
Examinador

RESUMO

O foco central deste trabalho é o ensino de filosofia no nível médio e como a mesma destaca-se no processo de ensino e aprendizagem na vida dos estudantes, que contribuições teriam para a educação, escola e na vida dos estudantes? Pergunto acerca da contribuição da filosofia e seu ensino como práxis na Escola. Nesta perspectiva, a problemática em torno do sentido e função do ensino médio na formação dos estudantes, as contraditórias relações entre escola e mundo do trabalho; entre escola e juventude podem e devem ser objeto do filosofar na e com a escola, onde ensinar filosofia é inerente ao filosofar, pois não há filosofia sem ensino, assim como não há ensino sem pesquisa, nem ensino sem os sujeitos, o papel fundamental da filosofia é levar o aluno a descobrir que é capaz de discernir e pensar sobre a vida e o mundo com uma visão diferenciada, criando ideias e atitudes que consigam ir além do senso comum. Ainda com esta pesquisa busco evidenciar a importância do ensino de filosofia para a educação além de descrever segundo opinião de autores da área, formas práticas onde a filosofia requer que estejamos abertos ao novo procurando demarcar espaços que têm especial relevância para Educação.

Palavras chave: Filosofia, Educação, Escola.

INTRODUÇÃO

Ao expor o ensino da Filosofia, a sua importância, da luta pela autonomia, é pensar em mudança cultural, em mudança de visão de mundo, de paradigmas. Não cabe pensar que a filosofia busca somente formar um ser ético e crítico, pois ela busca competências que fundamentam o convívio humano nas mais diversas realidades apresentadas pela sociedade contemporânea.

Desta forma, fica evidente que a contribuição da filosofia no Ensino Médio, associado aos demais conhecimentos propostos pelo currículo escolar irá fundamentar a compreensão das mais diversas realidades apresentadas aos indivíduos, assim como, irá orientá-los no desenvolvimento crítico necessário para exercer sua autonomia capaz de interagir e transformar os desafios a eles apresentados. Faz-se necessário entendermos como a filosofia pode estar contribuindo para educação, escola e vida uma vez que a mesma demonstra seu poder de transformação.

O artigo apresenta uma discussão sobre o ensino da filosofia no Ensino Médio enquanto prática transformadora. O objetivo geral deste estudo foi apresentar uma concepção do ensino de Filosofia e suas contribuições para educação, escola e vida. Os objetivos específicos foram: perceber as concepções pedagógicas que norteiam o ensino da filosofia no nível médio assim como suas transformações em meio à educação, escola e vida dos estudantes, sendo esta capaz de maturar os discentes no exercício do seu convívio

social e profissional. O estudo justifica-se diante da necessidade da aplicação do ensino da filosofia como um elemento necessário capaz de proporcionar uma inter-relação que compreende um aspecto transformador diante da proposta apresentada.

A metodologia utilizada neste artigo foi um estudo exploratório descritivo, de natureza qualitativa, que utilizou a pesquisa bibliográfica como fonte de dados. Desta forma, o referido artigo apresenta-se para discutir e analisar a importância da filosofia no Ensino Médio, assim como suas contribuições para a vida dos estudantes, visando também destacar as contribuições equivalentes para a educação e escola.

A FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO

A história da filosofia levando em conta vários contextos dos quais permeia para a existência desta disciplina na escola, onde esta foi componente obrigatório do currículo na história da educação brasileira, tendo em vista que foi com a reforma Capanema, em 1942, que ele se tornou obrigatória para os estudantes da 2ª e 3ª séries do curso clássico e para a 3ª série do curso científico, estes cursos correspondiam ao atual Ensino Médio, com a LDB nº 4.024/61, a filosofia passou a fazer parte do currículo como disciplina complementar sob responsabilidade do Conselho Estadual de cada Estado, o ensino da filosofia no Ensino Médio foi sugerido pelo Conselho Nacional de Educação como disciplina do tronco diversificado, e apontado como tema transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais em 1999, agora com o foco na inclusão de 2008 do ensino de filosofia no currículo do Ensino Médio como disciplina obrigatória em todas as séries tendo como teor da lei de nº 11.684, que altera o artigo 36 da LDB 9394/96, sendo esta a conquista do seu espaço no currículo.

Embora houvesse uma intencionalidade para o retorno da filosofia enquanto disciplina obrigatória no currículo, em contraponto não havia uma sistematização dos seus conteúdos e uma criteriosa análise pedagógica que articulasse esse saber com as demais áreas do conhecimento. Permitindo assim que muitos profissionais que não eram licenciados em filosofia ministrassem a disciplina de forma simplista, sem proporcionar as articulações necessárias para a descoberta dos saberes filosóficos e a construção da autonomia a fim de preparar o educando para as realidades vividas.

É neste contexto que devemos pensar e repensar o lugar da filosofia no currículo como ainda o não lugar, ou seja, como um espaço ainda em constante tensão e construção.

Desta forma, face às necessidades de favorecer um ensino cada vez mais crítico-reflexivo com características transformadoras da realidade percebida, se faz necessário quebrar essa dicotomia que permeia os alicerces da educação brasileira. Assim, a educação no Ensino Médio deve apresentar-se bem fundamentada nos diálogos interdisciplinar, pois de acordo com Freire (2003) a educação é um ato de amor, por isso não devemos temer o debate. À análise da realidade. Não pode fugir da discussão criadora, sob pena de ser uma farsa.

Assim, a inserção do ensino da filosofia no Ensino Médio se afirma como um saber capaz de provocar inter-relação entre as áreas do conhecimento, inquietações, reflexões e mudanças necessárias para a construção da autonomia do educando. Cabendo aos licenciados na área estimular nos educandos as condições necessárias para a reflexão filosófica.

A questão da Filosofia no Ensino Médio tem por fundamento de sua existência a formação do aluno. E, ao analisar o lugar ou “não lugar da Filosofia no ensino, o grande ponto de tensão é a construção desse horizonte. Não é um em mero exercício de erudição, mas um exercício de “formação”. Assim, a articulação curricular em torno do fim maior que é o aluno fixa pontos específicos de definição de critérios que justifique uma aula de Filosofia.

[...] É evidente que o professor de Filosofia tem ampla autonomia para fazer à seleção de atividades, textos, conteúdos etc. A liberdade de escolha, no entanto, deve ser exercido junto à apresentação de critérios que mostram que a formação do aluno é presidida por algo mais do que boa vontade, gosto e filiação conceitual. (ROCHA, 2010, p. 49).

Se perguntássemos, contudo, por que ter uma aula de Filosofia, talvez pudesse responder: porque as pretensões educacionais previstas para o Ensino Médio só se alcançam em sua plenitude, se articuladas com um horizonte de crítica que perpassa o modo filosófico de se relacionar com o saber. E é por isso que é preciso ser educador sem deixar de ser filósofo.

Dessa maneira, tal como é sugerido pelas orientações curriculares, é necessário que se tenha formação filosófica específica para lecionar Filosofia no Ensino Médio. Afinal, a Filosofia tem um lugar legal e precisa de um filósofo professor que construa o seu lugar de fato, fixando a tensão que é própria da “atitude filosófica”. Caso contrário, continuará a sucumbir num não lugar filosófico, ou seja, a carecer de sua própria identidade. E, segundo Rocha (2010, p.49) há critérios para uma aula que o filósofo professor precisa ponderar, para educar sem deixar de ser filósofo:

Entre os critérios que devemos examinar estão o cuidado com a tradição universalista da filosofia, a lembrança que a filosofia deve ter relações com as ciências e as artes, que a filosofia não é uma ciência a ser aprendida mediante memorização, mas não é uma atividade espiritual que possa viver de forma independente dos demais domínios do espírito.

Pois, segundo Dimenstein et al. (2008, p. 3) é uma “ disciplina formadora por excelência , a filosofia dispõe de recursos valiosos para fornecer ao estudante conhecimentos sólidos e permanentes, que ultrapassam a informação superficial e efêmera”. Consoante afirma os Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio (BRASIL, 2002, p. 346):

Nesse sentido, para o professor, nem mesmo o conteúdo programático deve estar excluído do debate com o aluno, muito ao contrário. É mesmo desejável que, na medida do possível, este possa manifestar-se, fazer opções discutir encaminhamentos e, quem sabe até, metodológicas e materiais didáticos. [...] Para o aluno por sua vez, aprende a negociar seus interesses no conjunto de outras preferências é uma das mais ricas conquistas da aprendizagem. Como em tudo o mais, depende muito de que o professor seja capaz de uma dedicada abertura pedagógica [...] na qual o debate sistematicamente conduzido tem lugar de destaque.

O ensino da filosofia sugere uma concepção pedagógica fundamentada nas construções dos saberes, que aponte para os educandos no período final da educação básica condições de reconhecer e confrontar as diversas situações por meio de enfoques para o diálogo crítico, fundamentado e consciente “e esta rigorosidade metódica não tem nada que ver com o discurso ‘bancário’ meramente transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo” (FREIRE 2011,p.28).

Desta forma, se faz necessário uma articulação pedagógica que perceba a necessidade da fuga do processo alienativo a fim de construir um ser autônomo capaz de se reconhecer enquanto sujeito cognoscente do processo dialético através de um ensino que estabeleça as conexões necessárias para a construção de saberes sólidos capaz de sugerir ações transformadoras através da exploração da inter-relação com as demais disciplinas e através da utilização do lúdico como ferramenta para uma aprendizagem que seja capaz de dialogar com os desafios das sociedades contemporâneas.

O que constitui um grande desafio! Pois, nesse contexto, “podemos dizer que a filosofia é o mais útil de todos os saberes humanos” (CHAUI, 2000).

Assim, a discussão que permeia a fundamentação pedagógica da filosofia no Ensino Médio não se apresenta dissociada da sua finalidade no contexto da educação básica, todavia “não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. Estar longe ou, pior, fora da ética, entre nós, homens e mulheres, é uma transgressão” (FREIRE, 2011). A filosofia torna-se evidente e necessária não somente para o Ensino Médio, mas em toda a educação básica quando compreendida sua função social, política e educacional.

CONTRIBUIÇÕES PARA EDUCAÇÃO

Diante das inúmeras contribuições e desafios que podemos traçar com relação à educação e filosofia, a educação se vê diante vários desafios cruciais para o estabelecimento de seus objetivos e suas práticas. Educar para cidadania requer reflexões a cerca da condição humana (GADOTTI, 1979). Pois é a partir dessas condições em que o homem se voltara aos diversos questionamentos que contemple sua complexidade.

A partir das relações que estabelecem entre si, os homens criam padrões comportamentos, instituições e saberes, cujo aperfeiçoamento é feito pelas gerações sucessivas, o que lhes permite assimilar e modificar os modelos valorizados em uma determinada cultura. É a educação, portanto, que mantém vida a memória de um povo e dá condições para sua sobrevivência. Por isso dizemos que a educação é um instância mediadora que torna possível a reciprocidade entre individuo e sociedade. (ARANHA, 1996, p.15).

Neste sentido, faz-se necessário dizer que é preciso se ter uma tomada de posição, onde esta implica eleger valores, aceitar ou questionar normas, essas capacidades podem ser desenvolvidas por meio da aprendizagem. Esta análise crítica possibilita a contextualização histórica e cultural, favorecendo o desenvolvimento da capacidade de analisar criticamente, assim as escolhas pessoais serão conscientes e respeitam os valores que expressam a vida do indivíduo, assim como as diferentes visões e até conflitos entre as normas que respondem de maneira diversa às diferentes visões e interpretações do mundo.

Nesse contexto, a Filosofia ganha importância e se confronta com esses novos desafios, analisando, interpretando, entendendo como se processa a ação docente e discente. A filosofia pode causar espanto a muita gente, mas para muitos é assunto de especialistas e, por isso, é desinteressante. Porém, na escola, é preciso abrir perspectivas que despertem o gosto pela Filosofia sem gerar no aluno uma aversão à tarefa de pensar (GADOTTI, 1979).

Dar um lugar para a Filosofia dentro do processo educacional significa levar a sério a necessidade que todos os jovens têm de pensar e de questionar, de voltar-se sobre seu pensamento e refinar suas respostas, para que tenham uma chance real de explorar assuntos de importância (GADOTTI, 1979). Enquanto a educação trabalha com o desenvolvimento dos jovens e das novas gerações de uma sociedade, a filosofia é a reflexão sobre o que e como devem ser ou desenvolver estes jovens e esta sociedade.

(...) O educando, que é o que deve ser qual o seu papel no mundo; o educador, quem é qual o seu papel no mundo; a sociedade, o que é o que pretende; qual deve ser a finalidade da ação pedagógica. Estes são alguns problemas que emergem da ação pedagógica dos povos para a reflexão filosófica, no sentido de que esta estabeleça pressupostos para aquela (LUCKESI, 1994, p.31-32)”.
”

O ensino filosófico contribui para a construção da consciência crítica dos estudantes, pois tal disciplina ajuda a derrubar os preconceitos que ora são incorporados a nossa mente por ação das estruturas de dominação. Essa consciência dá ao aluno a capacidade de torna-se cidadão consciente dos seus direitos e deveres, como de buscar por meio da reflexão melhoria na condição atual do mundo vigente.

É preciso levar os jovens, por meio de questionamentos, a trabalharem os conceitos e os problemas filosóficos que surgem no cotidiano e se aproximam da vida. É preciso a reflexão crítica e autônoma do pensar. É preciso aprimorar a reflexão filosófica nos alunos, os valores que orientam a sociedade, o que é ser justo, como é um bom político, o que é moral, o que dá sentido à vida, para que servem as armas, entre outros (GADOTTI, 1979). Por isso, experiência filosófica para os jovens é extremamente apaixonante, pois leva a busca da verdade e das respostas, preenchendo seu espírito inquieto.

Frente a estes e outros contextos pode-se ainda dizer que as expectativas que envolvem a filosofia, sejam como uma disciplina cultural que retém o essencial do ocidente daquilo que pode dar sentido as coisas, ao mundo a vida, acaba repercutindo no ensino de filosofia e é por isso que o ensino de filosofia acaba sendo alvo de uma demanda muito ampla, mas nem sempre tanto específica. Onde a filosofia é requerida porque a mesma tentaria através da escola suprir uma serie de coisas que faltam não tanto deficiências, mas aquilo que falta essencialmente, ou seja, aquilo que as mutações culturais e as mudanças tecnológicas venham atingir o comportamento e a vida das pessoas como um todo, isso parece que produz um resíduo e este é insanável pelos recursos próprios das tecnologias e dos saberes em geral e principalmente pela consciência.

Cada vez mais se percebe que há um sentimento onde o que se falta mesmo é o sentido, ou seja, a significação que poderia sustentar a experiência das pessoas e principalmente suprir a aquilo que é a perda do ideal, estas expectativas que envolvem a filosofia vem de longe, pois a mesma reteve este ideal como totalidade de unidade, diante disto é o que exatamente falta hoje. (totalidade e unidade).

Enquanto disciplina obrigatória a filosofia enfrenta consideráveis desafios no seu fazer educacional. Todavia, o primeiro desses enfrentamentos seria responder a comunidade educacional o que seria filosofia? E qual a sua utilidade na contemporaneidade? Assim, “a primeira resposta seria a decisão de não aceitar como naturais, óbvias e evidentes as coisas, as ideias, os fatos, as situações, os valores, os comportamentos de nossa existência cotidiana”. (CHAUI, 2008)

Neste sentido, a filosofia não só na contemporaneidade, mais em toda a História da humanidade afirma-se como saber útil e necessário para estabelecer reflexões sérias e sistemáticas sobre toda e qualquer área do conhecimento nos seus mais diversos graus de complexidade.

Assim, a filosofia surge como perspectiva de contribuição acadêmica nas mais diversas instituições de Ensino Médio para a formação crítica dos educandos, preenchendo um hiato educacional, ético, estético, crítico, assim como para a compreensão da inter-relação das áreas do saber enquanto instrumento pedagógico de interação.

“É por meio de interações que os seres humanos se desenvolvem e aprendem” (MATTAR, 2009 p.113) de forma que atraia os discentes para a construção de um saber mais consolidado na sua prática filosófica, social, educacional e profissional. Todavia, como incentivar a continuidade de um ensino prazeroso nas escolas ou propor ações que possam beneficiar e ampliar esse processo não percebido pelos educando? “A inserção de novas possibilidades comunicativas, a conectividade, a troca de informações em rede, características do nosso tempo, demonstram que o sujeito já não se encontra ali localizado num espaço-tempo” (COUTO, 2010).

O desafio do ensino da filosofia na esfera da educação básica enquanto processo pedagógico será uma maneira de discutirmos e aplicarmos a “reinvenção” em educação. Como muito bem disse Freire (2003, p.104):

Ditamos ideias. Não trocamos ideias. Discursamos aulas. Não debatamos ou discutimos temas. Trabalhamos sobre o educando. Não trabalhamos com ele. Impomos-lhes uma ordem a que ele não adere, mas se acomoda. Não lhe propiciamos meios para o pensar autêntico, porque recebendo as fórmulas que lhe damos, simplesmente as guarda. Não as incorpora porque a incorporação é o resultado de busca de algo que exige, de quem o tenta, esforço de recriação e de procura. Exige reinvenção.

Pensar em um ensino de filosofia para adolescentes que faça sentido com sua vida cotidiana na perspectiva de análise e compreensão da realidade articulada a uma percepção transformadora enquanto instrumento de educação com qualidade é pensar em resignificar uma concepção de que o conhecimento filosófico é inútil que se apresenta como negativa a construção do conhecimento sistematizado.

Nesse contexto, Segundo Fialho (2003) das rupturas paradigmáticas da contemporaneidade emergem muitos novos olhares sobre os fenômenos, sobre os saberes, sobre os sujeitos. Uma Percepção que procura significar um repensar a fim de permitir um entendimento, compreensão, transformação das complexas estruturas das escolas de Ensino Médio brasileiras. A educação se vê diante desses desafios, cruciais para o estabelecimento de seus objetivos e suas práticas.

O ensino filosófico, com as crianças, adolescentes e jovens, portanto, na educação infantil, no ensino fundamental e médio, contribuir para o entendimento e para as formas atuais de dominação e opressão que estão presentes em todas as relações sociais da vida, manifestadas por ideologias e convenções. Deve-se aprender a pensar, através da Filosofia, fazendo-se uma crítica constante a cultura dominante e as manifestações que nos levam a um pragmatismo reducionista da vida. A premissa reside em reconhecer que todos os homens são filósofos, enquanto pensam e agem racionalmente, como dizia Gramsci.

É por tudo isso que não pode haver educação, verdadeiramente formativa, sem a participação, sem o exercício e o cultivo da filosofia, em todos os momentos de formação das pessoas, do ensino fundamental ao superior. É que só o conhecimento técnico-científico não é capaz de nos revelar todas essas dimensões dos valores da dignidade humana, da cidadania, uma vez que concentram em ensinar o que são as coisas, como elas funcionam e como o homem pode manipulá-las para fazer, construir, transformar os objetos materiais.

Não há dúvida de que as ciências, como conhecimento objetivo do mundo físico e social, ajudam muito, fornecendo, sobretudo referências empíricas, eliminando mil dúvidas,

ignorâncias e erros. Desse modo, ajudam a que avaliemos melhor as coisas. Mas, os conhecimentos científicos não podem expressar uma razão para nossas escolhas existenciais, para formarmos nossa escala valorativa, para nos sensibilizar à dignidade da vida humana.

É preciso recorrer à modalidade do conhecimento filosófico que é onde desenvolvemos nossa visão mais abrangente do sentido das coisas e da vida, que nos permite buscar, com a devida distância crítica, a significação de nossa existência, e o lugar de cada coisa nela. É o que comumente expressamos ao nos referir ao “pensar”, ao refletir, ao argumentar, ao demonstrar, usando dos recursos naturais, comuns, da nossa subjetividade.

Isso nos leva ao cerne da questão do por que da necessária iniciação à prática da filosofia na educação das pessoas de todas as idades. Se com a formação do ser humano, a educação busca passar-lhe conhecimentos, valores, normas de conduta, portanto, se está visando a uma mudança na sua vida, está-se intervindo na vida dele, propondo-lhe determinadas escolhas, o único processo legítimo de fazê-la é apresentando-lhe uma justificativa: e esta só pode ser assimilada e apropriada pelo educando se ela fizer sentido para ele, se ele a entender e compreender, pois só essa compreensão pode tornar a proposta desejada e dinâmica, ou seja, eficaz, levando-o a novas decisões e a ações coerentes com essas decisões. De qualquer outra maneira, estaríamos violentando a autonomia e a dignidade dos educandos.

Assim, se os conhecimentos científicos nos ajudam a entender as coisas, são os conhecimentos filosóficos que nos ajudam a compreendê-las, ou seja, a situá-las no conjunto de sentidos que norteia a existência humana, a atribuir-lhes um sentido articulado numa rede maior de sentidos dessa existência, em sua complexa condição de unidade e de totalidade.

Quando falamos em ensino de filosofia no ensino médio, nós não podemos esquecer que no campo da educação é um elemento central em torno do qual giram os debates sobre as definições de conceitos e das relações que se estabelecem entre as formas de aprendizagens e seu significado. A filosofia é um artefato extremamente importante que precisa ser compreendida e discutida dentro da dimensão social e linguística, ou seja, na realidade histórica e cultural, nos diversos níveis, faixas etárias e disciplinas. Desenvolvendo atividades e conteúdos com o objetivo de ajudar os educandos descobrir em si mesmo o significado da vida, o mundo e as pessoas com quem se relacionam. É função da Filosofia na

educação escolar, e aqui especialmente se tratando do Ensino Médio, ensinar através das mais variadas estratégias a conhecer o mundo e a posicionar-nos nele de forma crítica e coerente.

CONTRIBUIÇÕES PARA ESCOLA

Quando se pensa a filosofia como prática escolar ou quando se pensa a mesma como disciplina educativa, o que nela é visado é exatamente que ela poderia acima de tudo fornecer aquilo que é essencial para educação que é a educação como formação, não só de espírito, mas da personalidade como um todo, ou seja, como formação das possibilidades de estabelecimento da crítica dos valores, como também a possibilidade de fornecer direções para as opções em geral e principalmente como uma possibilidade de fazer dos jovens desde cedo personagens com sentido do social, então quando tudo isto é pensado através da educação se vê que a filosofia seria aquele ponto que pode exatamente fazer convergir não só os ideais, mas todos os objetivos formadores da educação.

Entre estas e outras questões Silvio Galo (2011) nos aponta que uma das coisas que precisa ser evitada com relação ao ensino de filosofia é a questão de uma certa visão redentorista que a filosofia parece ter em alguns argumentos e alguns discursos que se constroem em torno da sua defesa da sua justificação na escola média.

Um destes argumentos é o que afirma que o espaço da filosofia na escola como uma disciplina no currículo é o de garantir a formação do pensamento crítico do espírito, da consciência crítica do estudante, este argumento é um argumento forte na medida em que se afirma.

A filosofia foi retirada dos currículos na reforma que tivemos em 1971, com a lei 5.692 de 1971 feita portanto durante o governo militar onde a mesma se destacava em um caráter tecnicista, isso afirma que a filosofia foi retirada dos currículos justamente porque a filosofia desenvolveria uma capacidade crítica dos jovens, e isso era tudo que o regime militar não desejava, ou seja, não queria cidadão com a capacidade de pensamento crítico, desta forma fica muito claro usar como argumento deste processo de redemocratização do país em meados dos anos 80, que a filosofia teria essa tarefa de retornar, pois isso que ela faria antes que é o desenvolvimento do pensamento do espírito crítico do estudante, ainda pode-se dizer que este argumento tem problema sério, pois se sabe que nem toda filosofia é crítica por si mesma. Ou seja, se por um lado à filosofia pode ter uma perspectiva crítica em relação à

sociedade a filosofia também pode ter uma perspectiva de afirmação de uma determinada sociedade, e diante disso sabe-se que antes de 1971 quando a filosofia era ensinada nas escolas brasileiras tínhamos de tudo um pouco no ensino de filosofia, havia professores de filosofia formados na tradição do pensamento de esquerda que se aproveitava da aula para fazer crítica social, assim como outros professores de filosofia formados também na tradição do pensamento de direita, que se valia de suas aulas para elaborar justificativa social da manutenção social.

Com isso nos parece que hoje pensar em justificar o reingresso da escola média pela sua capacidade crítica é no mínimo um argumento falacioso, onde se pode dizer um tanto perigoso, pois se nós dissermos que a filosofia deve estar presente nos currículos para desenvolver perspectivas da consciência dos estudantes isto nos incorre em dois riscos:

O primeiro é de que a filosofia não desenvolva a capacidade crítica dos estudantes, onde este é um risco real e concreto, logo se a filosofia não conseguir cumprir esta tarefa que se coloca frente a ela que é o desenvolvimento do espírito crítico, temos um passo da nova retirada da filosofia dos currículos.

Já o segundo risco é que a filosofia desenvolva este espírito crítico dos estudantes, no entanto teríamos uma situação no mínimo complicada de garantir que a aula de filosofia ou a disciplina de filosofia tivesse essa responsabilidade e com isso se desresponsabilizariamos as demais disciplinas de promoverem também o desenvolvimento crítico dos estudantes, pois se nós colocamos o pensamento crítico, a capacidade crítica como um valor fundamental do processo educativo, ou como algo que deve ser trabalhado no processo educativo, nos parece perigoso localiza-lo em uma única disciplina, pois se o desenvolvimento do espírito é efetivamente um objetivo importante do processo educativo isso deve ser feito nas diversas disciplinas, onde dizer que a filosofia por possuir suas características intrínsecas faria isto é perigoso e danoso para filosofia enquanto tal, e também para o conjunto do processo de ensino como todo.

Num sentido mais amplo quando uma escola oferece um elemento de ensino precisa-se que ela faça com que o aluno perceba que este elemento é uma nova cadeia que o levará em direção ao conhecimento mais amplo, este conhecimento não poderá ser visto e entregue como um elemento pragmático, ou seja, mais um conjunto de regras inibidoras de suas ações. Desse modo, creio que pode se estabelecer uma profunda ligação entre o princípio

epistemológico elementar da Filosofia e seu objetivo, que é ajudar o aluno a pensar por si mesmo, segundo Lipman (2001) isso só é possível quando “se oferece aos alunos um curso de pensamento filosófico”. A Filosofia no Ensino Médio é segundo a sua importância para a formação dos cidadãos, um eixo, um aporte teórico e prático que abre novos caminhos para o grande espírito crítico.

Para Lipman (2001) do mesmo modo que o ensino da história gera pensamento histórico e o ensino da matemática gera pensamento matemático, o ensino da filosofia deve gerar o pensamento filosófico, seja qual for à idade do estudante. Trabalhos práticos que mostram filosoficamente a dinâmica da educação e, em especial, a necessidade da filosofia no Ensino Médio.

No ambiente da sala de aula a propagação filosófica deve se estruturar a partir de quatro pilares: a sensibilização, a problematização, a investigação e a conceituação. O primeiro pilar consiste na motivação do aluno por parte do professor porque este exerce uma influência profunda no que diz respeito ao incentivo ao pensamento filosófico. O segundo é caracterizado pela apresentação do problema que será abordado, ou seja, a temática a ser trabalhada. O terceiro consiste na compreensão da temática partindo do pensamento dos filósofos (nesta etapa a história da filosofia exerce um papel fundamental) e por fim a conceitualização que consiste no recriar do pensamento filosófico, nesta fase o pensamento do aluno torna-se autônomo.

Portanto, percebe-se que o pensamento filosófico quando permite ao aluno produzir seu próprio conceito, a disciplina filosófica torna-se mais atrativa e dinâmica.

Todavia, como incentivar a continuidade de um ensino prazeroso nas escolas ou propor ações que possam beneficiar e ampliar esse processo não percebido pelos educando? “A inserção de novas possibilidades comunicativas, a conectividade, a troca de informações em rede, características do nosso tempo, demonstram que o sujeito já não se encontra ali localizado num espaço-tempo” (COUTO, 2010 p.28).

Desta forma, cabe a escola e aos docentes propor alternativas para um ensino sério e significativo que fuja da ideia clássica de uma aula conteudista que nega todas as possibilidades de indagação, reflexão e inter-relação com os saberes apresentados no currículo de Ensino Médio. É a partir do entendimento trazido por Pimenta (2000) quando explica que a identidade do

professor se baseia na articulação entre os saberes das áreas específicas, com os saberes pedagógicos e os saberes da experiência. Com base nessa fundamentação de que os professores/educadores são capazes de fazer e refazer sua práxis docente é que se enfatiza o domínio dos conteúdos trabalhados em sala de forma direta e/ou indireta fundamentando o fazer docente. Como muito bem disse Freire (2011) o ensino e a pesquisa não andam dissociados da prática docente.

Todavia, os desafios da manutenção e atualização desses conhecimentos específicos se consolidam como um desafio a ser superado. Nesse contexto Freire (2011) firma ainda a necessidade de uma interface dos conhecimentos específicos com a realidade percebida pelo educando, isto é, é preciso dar sentido ao conhecimento, pois sem historicidade ele é vazio.

CONTRIBUIÇÕES PARA VIDA

Não é possível viver sem pensar, uma das características do homem é a necessidade, de não só conhecer a natureza a fim de poder transformá-la pelo trabalho, mas a necessidade de compreender-se a si mesmo. Não há, portanto, vida humana consciente de si mesma sem reflexão filosófica, sem reflexão crítica sobre o real, considerado em sua totalidade. A filosofia vai coincidir com que se chama de processo de consciência ou conscientização, tanto no sentido do tempo como no julgamento.

Aprender concepções e verdades que engessam o processo de ação e reflexão diante do mundo e de sua própria existência é desta forma que filosofia transforma o homem. Contudo, boa parte da filosofia volta-se mais para o modo pelo qual conhecemos as coisas do que propriamente para as coisas que conhecemos, sendo essa uma segunda razão pela qual a filosofia parece carecer de conteúdo.

A filosofia deve ter um lugar privilegiado na vida humana, pois além de possibilitar a racionalidade, sempre esteve na origem das mudanças decisivas na história da humanidade, por isso não é inútil como pensam. Tem como objetivo a totalidade das coisas, desde as raízes, as causas primeiras até as últimas. Tudo o que diz respeito à vida refere-se à Filosofia e torna-se ponto de partida de sua reflexão. Ajuda a desvendar os horizontes obscuros e incompreensíveis para o homem comum, que pouco questiona sobre os sentidos das coisas.

Desta forma, a esta contribuição, a filosofia é importante, e mais que isso, a filosofia é um direito dos jovens; eles têm o direito de entrar em contato com a tradição filosófica e com essa maneira de pensar, com a experiência de pensamento filosófico. A questão é como oferecer esse encontro, como fazer esse convite ao jovem para que ele queira conhecer a filosofia, queira filosofar.

Trata-se, então, do ensinar e do aprender, diz a respeito do próprio jovem, as formas como ele atende ao convite, que são suas, e então entram as questões acerca da subjetividade. Nada garante o encontro, mas o importante é conhecê-lo, para criar processo de sensibilização e, também, de choque de desafio, e situações problemáticas que potencializem o encontro com a Filosofia. Se esse encontro ocorrer, certamente o jovem terá a filosofia como uma “companheira” para pensar o seu tempo, a sociedade brasileira, seus problemas e desafios, pensar a si mesmo nesse contexto; assim ele emitirá suas opiniões de forma argumentada e justificada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a filosofia em nível médio como uma prática escolar libertadora pode ser decisiva para que daí surja variantes de pensamentos. É certo que o espaço-tempo de sua aplicabilidade em sala pode ser insuficiente e incongruente com a filosofia em seu sentido mais amplo e total. Entretanto, isso não obscurece o fato de que a institucionalização da filosofia no Ensino Médio é uma grande vitória para a Filosofia brasileira. É verdade que uma hora por semana é pouco, mas já é alguma coisa. Além da sala de aula, a Filosofia pode contribuir também com outras atividades acadêmicas e culturais na escola e na vida.

A atividade filosófica não se reduz à sala de aula, mas a toda atividade escolar, e neste sentido que entendemos que o papel da filosofia seria o de apontar aos jovens certos conhecimentos filosóficos necessários ao pleno exercício da cidadania, já que a Filosofia aguça o pensar humano e desenvolve o espírito crítico onde se debruça sobre a ciência, procurando analisar as consequências de sua aplicabilidade, bem como sobre os problemas políticos, éticos e sociais que nos rodeiam, levando o aluno a questionar o mundo em que se encontra, incluindo, neste o próprio conhecimento científico.

Sendo assim, percebe-se o quanto a filosofia pode estar fazendo suas contribuições para a vida dos estudantes, uma vez que a mesma é vista como redentora fonte fundamental de transformações para a educação, pois ela possui os elementos que são necessários para auxiliar o jovem adolescente no seu processo de desenvolvimento moral e educacional para que possa conquistar seu espaço na sociedade e no mercado de trabalho, ou seja, ajudar a aluno a tirar as correntes do senso comum e conhecer o mundo real, deixando os preconceitos e as crenças do senso comum e assumir o senso crítico.

ABSTRACT

The central focus of this work is the teaching of philosophy in high level and how it stands in the process of teaching and learning in the lives of students who have contributions to education, school and in students' lives? Wonder about the contribution of philosophy and its teaching as praxis in the School. In this perspective, the problems surrounding the meaning and function of secondary education in the training of students, the contradictory relationship between school and work; between school and youth can and should be the object of philosophy and the school where teaching philosophy is inherent in the philosophy, because there is no philosophy without learning, as there is no teaching without research or teaching without subject, the fundamental role of philosophy is to lead the student to discover that it is able to discern and think about life and the world with a different perspective, creating ideas and attitudes that are able to go beyond common sense. Even with this research I seek to highlight the importance of teaching philosophy for education beyond describing second opinion of writers in the field, practical ways in which philosophy requires us to be open to trying new demarcate spaces that have special relevance to education.

Keywords: Philosophy, Education, School.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.

COUTO, Edvaldo Souza; ROCHA, Telma Brito; Identidades contemporâneas: a experimentação “eus” no Orkut. IN: COUTO, Edvaldo Souza; ROCHA, Telma Brito; organizadores. **A vida no Orkut: narrativas e aprendizagens nas redes sociais**, Salvador: EDUFBA, 2010.

DIMENSTEIN, Gilberto; STRECKER, Heider; GIANANTI, Alvaro Cesar. **Dez lições de Filosofia para um Brasil cidadão**. São Paulo: FTD, 2008.

FIALHO, Nadia Hage, Campos do saber: território e universidade. IN: HERADIA, Edmundo A.; FIALHO, Nadia Hage (organizadores) **América Latina: Educação, Espaços Culturais e Territorialidade**, Salvador: Editora UNEB, 2003.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

GALLO, Silvio. **Metodologia do ensino de Filosofia: Uma didática para o ensino médio**. Campinas: SP Papirus, 2012.

GADOTTI, Moacir. **Para que serve afinal a filosofia?** Reflexão 4 (13); jan./abr.1979.

KOHAN, Walter O. & WUENSCH, Ana Míriam (orgs). **Filosofia para crianças: a tentativa pioneira de Matthew Lippman**. Petrópolis: Vozes, 2000. (Col.Filosofia na Escola, vol. 1).

LUCKESI,C.C. **Filosofia da educação**.São Paulo:Cortez,1991.

LIPMAN, Matthew. **A filosofia na sala de aula**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

MATTAR, João. Interatividade e aprendizagem IN: LITTO, Fredric M.; FORMIGA, Marcos (organizadores) **Educação a distância**. São Paulo: Pearson Education do Brasil 2009.

Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEMTEC, 2002.

O ensino da Filosofia (**curso médio e curso superior**). Fortaleza, 29 Reunião da SBPC, 1980.